

O PROCESSO AVALIATIVO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: SUA IMPORTÂNCIA PARA A APRENDIZAGEM ACADÊMICA

Sonia Maria da Fonseca Souza¹, Cristia Fernanda Matos da Silva², Dayane Magalhães de Souza² e Minuzze Hecht Zanon².

1-Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF.

2-Centro Universitário São José de Itaperuna

Autor Correspondente:

Sonia Maria da Fonseca Souza

E-mail: sonifon1@hotmail.com

RESUMO

A avaliação educacional é parte integrante do processo ensino-aprendizagem em todos os níveis de ensino. Nesse sentido este artigo tem por objetivo apresentar a avaliação como instrumento de trabalho capaz de diagnosticar as deficiências no processo de ensino-aprendizagem, definir os aspectos positivos e negativos da avaliação no ensino superior e demonstrar a importância dos aspectos positivos da avaliação para o professor e para o aluno. Considerando a sua importância e os objetivos nos quais devem se apoiar os educadores, principalmente de instituições de Ensino Superior, para avaliarem de maneira a promover resultados positivos, apresenta-se uma pesquisa bibliográfica de base qualitativa, considerando as contribuições de teóricos cujas obras são pertinentes ao foco deste estudo que descreve o sucesso do aluno e do professor quando juntos discutem e estabelecem objetivos a serem alcançados no processo avaliativo.

Palavras-chave: Avaliação Formativa. Ensino-aprendizagem. Ensino Superior.

ABSTRACT

The educational evaluation is an integral part of the teaching-learning process at all levels of education. To this end, this article aims at presenting the evaluation as a working tool to diagnose deficiencies in the teaching-learning process, setting the positive and negative aspects of evaluation in higher education and demonstrating the importance of the positive aspects of assessment for the teacher and for the student. Considering its importance and the objectives of which are to support educators,

especially higher education institutions, to evaluate in order to promote positive results, it presents a literature review of qualitative basis, considering the theoretical contributions whose works are relevant the focus of this study describes the success of the student and the teacher when together discuss and establish goals to be achieved in the evaluation process.

Keywords: Formative Assessment. Teaching and learning. Higher education.

1- INTRODUÇÃO

O tema avaliação da aprendizagem tem sido bastante enfatizado em várias abordagens do âmbito educacional. Neste contexto surge a seguinte questão: Até que ponto as práticas avaliativas podem ser consideradas positivas no aspecto da aprendizagem acadêmica? O presente trabalho tem como objetivo, apresentar a avaliação como instrumento de trabalho capaz de diagnosticar as deficiências no processo de ensino-aprendizagem, definir os aspectos positivos e negativos da avaliação no ensino superior e demonstrar a importância dos aspectos positivos da avaliação para o professor e para o aluno.

Um novo modelo educacional estabelece que a avaliação tem o seu papel destacado como um momento privilegiado do processo, o que tem sido difícil de ser compreendido pelos professores, já que em outros momentos ela tinha como principais funções identificar falhas, medir conhecimentos e ao final atribuir uma nota.

Na teoria a avaliação deixou de ser classificatória e passou a ser diagnóstica com foco principal no processo de construção do conhecimento e não apenas no que foi aprendido pelo indivíduo até o exato momento em que ele será examinado. Autores como Cipriano Luckesi (2010), Jussara Hoffman (1993), Vasco Pedro Moretto (2005) entre outros discorrem um novo olhar sobre a avaliação e ressaltam que a escola deve formar cidadãos capazes de transformar o meio em que vivem e que o professor deve ser mediador do conhecimento se comportando de maneira a verificar se os resultados alcançados pelos alunos estão acontecendo de maneira gradativa com o objetivo de que ao final do processo de ensino aprendizagem o indivíduo tenha construído uma aprendizagem significativa.

2- AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR

2.1. Avaliação formativa: importância para a aprendizagem acadêmica

A avaliação da aprendizagem tem ganhado um amplo espaço no processo de ensino-aprendizagem. Sua passagem histórica pela pedagogia tradicional, renovada, tecnicista e libertadora ajudou a definir o atual modelo denominado pedagogia dos conteúdos socioculturais em que a avaliação, naturalmente tem o seu papel destacado como um momento privilegiado do processo de ensino-aprendizagem. Hoje as provas tradicionais perderam seu espaço para novas formas de avaliação. O que tem sido de difícil compreensão por parte dos educadores e também fator principal a ser considerado é a compreensão da diferença entre prova e avaliação. Segundo Luckesi (2004) “as provas e exames são pontuais, classificatórios, seletivos, antidemocráticos e autoritários, enquanto a avaliação é não pontual, diagnóstica, inclusiva, democrática e dialógica”. Como é possível observar, avaliar e examinar são ações diferentes, e prova transmite a ideia de um exame e não de uma avaliação. É bem verdade que a prática da avaliação não tem assumido sua função diagnóstica como denota o modelo pedagógico vigente, mas sim a sua função classificatória.

Com a função classificatória, avaliação constitui-se num instrumento estático e frenador do processo de crescimento [...]. A função classificatória subtrai da prática da avaliação aquilo que lhe é constitutivo: a obrigatoriedade da tomada de decisão quanto à ação, quando ela está avaliando uma ação (LUCKESI, 2010, p.35).

Infelizmente muitos professores ainda enxergam a avaliação educacional como instrumento de tortura para o aluno, capaz de impor medo e medir o conhecimento, atribuindo a ele uma nota capaz de aprovar ou reprovar ao final do processo de ensino e não como um momento privilegiado que tem a capacidade de detectar deficiências e proporcionar meios para a recuperação daquilo o que representa uma lacuna durante o processo de construção do seu conhecimento.

Atualmente um novo enfoque tem sido dado à educação, as fórmulas, datas e definições que eram tão enfatizadas nas escolas tradicionais perderam espaço para a aprendizagem significativa, ou seja, tornou-se necessária a preparação de condições para que o aluno seja competente e capaz de se relacionar com o universo de informações disponíveis. Diante dessa necessidade de se preparar o cidadão para o mundo atual o professor tem o desafio de utilizar a avaliação como acompanhamento e reorganização da aprendizagem buscando melhores resultados possíveis e considerando os objetivos que se pretende alcançar. A escola destaca como uma de suas principais

funções sociais a preparação do indivíduo e sua inserção na sociedade: “ajudar gerentes de informações e não meros acumuladores de dados” (MORETTO, 2006, p.73). Ainda segundo o autor a avaliação está diretamente ligada ao ensino e aprendizagem. Ela deve ser considerada um momento privilegiado de estudo através da mediação do professor, estimulando a construção do conhecimento significativo, estável e estruturado.

Para Souza (1999, p. 4), a avaliação “exige um profundo estudo sobre as aprendizagens e uma postura política comprometida com o processo de transformação social”. O professor deve ter consciência de sua responsabilidade, já que a avaliação pode auxiliar em seu trabalho e tornar possível a construção da aprendizagem significativa. É importante também ressaltar que a avaliação não é apenas um instrumento utilizado pelo professor capaz de diagnosticar quanto conhecimento foi adquirido pelo aluno. Ela é capaz de determinar para o professor se o mesmo está assumindo verdadeiramente o seu papel de mediador do conhecimento e facilitador da aprendizagem.

2.2 Aspectos positivos da avaliação formativa

Com as novas concepções de avaliar de maneira significativa, foram abordadas funções que para a avaliação: diagnosticar, controlar e classificar e relacionadas a elas se estabelece três modalidades de avaliação. A diagnóstica, a formativa e a somativa.

Tomando como nosso principal enfoque a avaliação formativa, é notório perceber que sua principal função é verificar se os resultados alcançados pelos alunos, gradativamente, em cada etapa de instrução estão sendo positivos ou não.

Nesta perspectiva esse modelo avaliativo fundamenta em princípios cognitivos, consistindo de modo construtivo e formativo, que possibilita o professor analisar o conhecimento que o aluno está assimilando e também notificar se o aluno conseguiu alcançar os objetivos desejados.

Esteban (2004, p.19) ressalta a contribuição da avaliação formativa:

Avaliar o aluno deixa de significar fazer um julgamento sobre a sua aprendizagem, para servir como momento capaz de revelar o que o aluno já sabe os caminhos que percorreu para alcançar o conhecimento demonstrado, seu processo de construção do conhecimento, o que o aluno não sabe e o caminho que deve percorrer para vir, a saber, o que é potencialmente revelado em seu processo, suas possibilidades de avanço e suas necessidades para a superação, sempre transitória, do não saber, possa ocorrer.

A avaliação formativa pode ser utilizada como um recurso de ensino, pois tem efeitos altamente positivos no processo ensino-aprendizagem, pois além de orientar o estudo do aluno, auxilia o professor em seu trabalho. Através de um mecanismo denominado *feedback* que busca estimular e reorientar comportamentos futuros mais adequados, o educador pode detectar e identificar deficiências em sua prática de ensino e aperfeiçoá-las, se moldando de maneira a assegurar a aprendizagem de seus alunos.

Para Fernandes (2005) a aplicação do *feedback* não é bem compreendida pelos docentes, tornando-se um instrumento voltado para a avaliação classificatória e dificultando assim a aplicação da avaliação formativa.

Nesse mecanismo o professor assume um papel fundamental na aprendizagem de seu aluno, organizando seu método de ensino de forma ativa e planejada. É certo que este mecanismo deve ser um recurso que estimule os processos cognitivos podendo ser usado de forma oral ou escrito, focando-se nos conteúdos disciplinares a fim de sanar as dificuldades desse aluno. Desta forma considera-se que a avaliação formativa é uma avaliação informativa, ou seja, trata-se de levantar informações úteis para o processo ensino-aprendizagem e é por esta razão que se pode afirmar que tal modalidade de avaliação deve servir como controle de qualidade a fim de garantir que cada novo ciclo alcance cada vez melhores resultados.

A avaliação formativa informa os principais atores do processo. O professor, que poderá acompanhar a realidade de seu trabalho pedagógico e o aluno por ser capaz de argumentar, defender e criar suas próprias ideias. Ele não somente saberá as dificuldades que possui, mas terá consciência para reconhecer e corrigi-las. Sendo assim, cabe ao professor e ao aluno uma função “corretiva” em que ambos podem se adaptar às modificações com o intuito de obter resultados ainda mais satisfatórios na construção do conhecimento.

A avaliação formativa implica, por parte do professor, flexibilidade e vontade de adaptação, de ajuste. Este é sem dúvida um dos únicos indicativos capazes de fazer com que se reconheça de fora uma avaliação formativa: o aumento da variabilidade didática. Uma avaliação que não é seguida por uma modificação das práticas do professor tem poucas chances de ser formativa! (HADJI, 2001, p.21).

Desse modo, apresentando a função formativa como uma nova ideia de avaliação torna-se necessário que o professor compreenda que o indivíduo está em constante

processo de formação, e que ele tem possibilidade de aprender e se desenvolver caso haja estímulo. Nesse sentido Perrenoud (1999, p. 96) ressalta que "[...] a avaliação formativa demanda uma relação de confiança entre alunos e professores".

Com isso educador e educando assumem responsabilidades essenciais para um processo positivo de aprendizagem construtiva, cabendo a escola trabalhar com o desenvolvimento das capacidades cognitivas desse aluno, fazendo as articulações necessárias para possibilitar a regulação da aprendizagem e permitindo um ajuste curricular real ao nível de trabalho da turma.

Perrenoud (1999, p.78) considera como formativa:

toda prática de avaliação contínua que pretenda contribuir para melhorar as aprendizagens em curso, qualquer que seja o quadro e qualquer que seja a extensão concreta da diferenciação do ensino" e complementa dizendo que "ensinar é esforçar-se para orientar o processo de aprendizagem para o domínio de um currículo definido, o que não acontece sem um mínimo de regulação dos processos de aprendizagem no decorrer do ano escolar.

Partindo das afirmações de diversos autores a respeito do tema avaliação questiona-se se essa tem sido formativa quando se trata do ensino superior. Considerando as diferenças vistas anteriormente entre examinar e avaliar denota-se que na maioria das universidades predominam os exames e não a avaliação propriamente dita.

[...] hoje, na escola brasileira – pública ou particular, de ensino fundamental, médio ou superior – praticamos, predominantemente exames escolares, em vez de avaliação; todavia, de forma inadequada, usamos o termo “avaliação” para denominar essa prática (LUCKESI, 2011. p. 180).

A transição do tradicional para o construtivista fez com que o termo examinar a aprendizagem fosse gradativamente substituído por avaliar a aprendizagem e apesar dessa substituição de termos, avaliar continua sendo examinar para alguns educadores, ou seja, mudou-se a teoria, mas a prática ainda acompanha os moldes da escola tradicional.

Os exames acadêmicos versam sobre o resultado final da aprendizagem dos educandos. Espera-se que eles reproduzam quanto conhecimento foi aprendido até o momento da avaliação, ou seja, é considerado o que ele conseguiu expressar até o

presente momento da avaliação e não o que ainda pode ser aprendido por ele, de modo que o mesmo possa ser classificado numa escala de notas de acordo com o seu desempenho. Nessas condições o professor não se comporta como um investigador de soluções interessa a ele apenas o desempenho final do examinado.

Para Luckesi (2011, p. 187) “a situação é tão verdadeira, que, se um estudante apresentar respostas corretas obtidas por meios fraudulentos e não for descoberto nessa prática, as respostas são assumidas como certas, pois se olha somente para o produto”.

Essa afirmação de Luckesi acima citada torna-se ainda mais verdadeira quando se leva essa questão para fora dos muros da escola e a comparamos com os vestibulares e concursos para acesso a determinadas atividades profissionais. Nessas ocasiões o que conta é o desempenho do examinando no exato momento em que ele está sendo examinado. Ainda que sejam situações distintas, dentro das escolas e universidades não tem sido diferente, todos são examinados de maneira igual como se estivessem concorrendo a uma vaga e ao final de todo o processo recebem uma nota a qual define se ele está ou não classificado.

Ao contrário dos exames a avaliação caracteriza-se como subsídio para a construção de um resultado satisfatório e não classificatório, buscando um diagnóstico que aponta o que o estudante já aprendeu e o que ainda pode ser aprendido. Na condição de avaliador o professor busca soluções para os impasses diagnosticados a fim de chegar aos resultados satisfatórios. Para Luckesi (2010) “Não importa que existam insucessos; importa sim, percebê-los e aprender com eles o que fazer, a fim de não continuar a repeti-los. “

O insucesso não caracteriza apenas o aluno mais também o professor, e nada como a avaliação para diagnosticar a origem das lacunas no processo de ensino-aprendizagem. Ela mostra a realidade desse processo e define qual postura deve ser tomada pelo educador. Ao contrário dos exames que simplificam a realidade ao atribuir exclusivamente ao educando a responsabilidade pelos seus resultados sejam eles positivos ou negativos, cabendo ao professor um comportamento de neutralidade diante de seu aspecto examinador.

O ato de examinar faz com que educador e educando se comportem como sujeitos sem relações e esse comportamento torna-se público quando se fala na relação entre professor e aluno no âmbito da sala de aula universitária, parecendo que o educador ao elaborar seu instrumento de coleta de dados sobre o desempenho do educando está isento de relações.

Nessas circunstâncias cabe ao professor ter a consciência de que a autoridade pedagógica existe, mas deve ser repensada principalmente quanto à elaboração das avaliações no ensino superior. Questões de testes e provas têm sido lançadas como desafios para que o aluno não consiga resolvê-las, ou ainda, os educadores propositalmente facilitam muito as questões, as situações-problemas a fim de que todos sejam aprovados sem que haja a aprendizagem significativa. Ambas as atitudes permitem reconhecer, que o uso da autoridade dos exames foram substituídas pelo autoritarismo.

Autoritarismo é a exacerbação da autoridade; usar esse lugar de educador para impor uma direção como se não houvesse outras possibilidades e outros olhares para a mesma experiência; como se a realidade fosse simples e única, compatível só com o olhar do educador naquele momento. Desse lugar só o educador tem razão, o educando nunca. Ele detém o poder o educando não (LUCKESI, 2011. p. 2002).

Segundo Luckesi (2011, p. 221) “Em nosso trânsito pela escolaridade nos níveis fundamental, médio e superior, passamos por múltiplas situações de exame, por vezes ameaçadoras, outras vezes, ainda, injustas”.

A prática da avaliação da aprendizagem está condicionada à nota, sendo explicitamente classificatória por toda a vida escolar, incluindo as provas do vestibular e as do ensino superior. Em suma os mecanismos dos exames funcionam automaticamente e estão submetidos ao educador, já que este possui o poder de aprovar ou reprovar.

Certamente, nos dias atuais a avaliação da aprendizagem configura-se como um ato de investigar a qualidade no ensino. Para isso, torna-se necessário uma mudança de postura dos professores universitários, pois além de estabelecerem juízos de valores na vida acadêmica do educando eles podem investigar a qualidade do desempenho tendo dados relevantes, além de possíveis intervenções de modo que possa corrigi-los.

É preciso conscientização por parte dos educadores no que se refere a uma renovação do campo avaliativo superando as práticas de avaliação como constatação e verificação, para que possa coletar, analisar, sintetizar os dados que configuram de maneira objetiva as manifestações afetivas e cognitivas dos educandos.

A avaliação formativa no sistema educacional universitário deve ser contínua para que possa contribuir em melhorar o processo ensino-aprendizagem, logo não podendo utilizar apenas como forma única de verificação do processo final da aprendizagem. Essa avaliação no ensino superior, muitas vezes, não se torna eficaz pelo cumprimento

de normas e regras estabelecidas nas instituições e também pelo comodismo de muitos professores.

Por isso é necessário também que os mesmos compreendam que o processo avaliativo deve ser coerente e que vai além da atribuição de notas ou aplicação de provas e sim de uma concepção mais ampla sendo analisada de forma reflexiva, planejada e organizada para que o educando consiga obter uma aprendizagem significativa do conteúdo ministrado.

Avaliar nesse novo paradigma é dinamizar oportunidades de ação-reflexão, num acompanhamento permanente do professor e este deve propiciar ao aluno em seu processo de aprendizagem, reflexões acerca do mundo, formando seres críticos libertários e participativos na construção de verdades formuladas e reformuladas (HOFFMAN, 2002, p.134).

Portanto observa-se que a prática avaliativa do ensino superior está na verificação da aprendizagem, valorizando apenas os acertos obtidos e não se importando com os erros, deixando dessa forma o ensino centrado no professor e baseando na avaliação somativa.

Infelizmente muitos professores ainda enxergam a avaliação educacional como instrumento de tortura para o aluno, capaz de impor medo e medir o conhecimento, atribuindo a ele uma nota capaz de aprovar ou reprovar ao final do processo de ensino e não como um momento privilegiado que tem a capacidade de diagnosticar as deficiências e proporcionar meios para a recuperação daquilo o que representa uma lacuna durante o processo de construção do seu conhecimento.

Vale ressaltar que para superar essa postura de examinador é necessário ao professor repensar em todo seu pedagógico para notificar o que precisa ser mudado em sua forma de avaliar. A metodologia diversificada e problematizadora assumem um papel fundamental nesse processo por estimular o diálogo entre professor e aluno possibilitando por parte do professor verificar se o conteúdo foi realmente assimilado e se o conhecimento está sendo construído de maneira sólida, o que futuramente irá proporcionar o sucesso de seus alunos em todos os aspectos.

3-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados percebemos que, a avaliação vem conquistando no decorrer dos anos um papel privilegiado no processo ensino-

aprendizagem devido às novas formas de avaliar, ressaltando a diferença entre avaliar, que deve ser visto como um aspecto positivo para o processo em que o professor tem a capacidade de detectar falhas durante a construção do conhecimento atribuindo significado para esta aprendizagem e o ato de examinar através de provas que se apresenta de maneira negativa para a construção da aprendizagem, pois, seu principal objetivo é medir o conhecimento, atribuindo uma nota ao aluno capaz de aprová-lo ou reprová-lo ao final do processo. Desta forma é evidente que o professor deve assumir sua função de mediador utilizando a avaliação como acompanhamento e reorganização da aprendizagem, além de considerar os objetivos que se pretende alcançar a fim de preparar sujeitos capacitados inseridos na sociedade como gerentes de informações e não meros acumuladores de dados. Portanto, conclui-se o ato de avaliar está voltado não para o presente mais sim para o futuro.

4-REFERÊNCIAS

ESTEBAN, M. T. **Escola, Currículo e avaliação**. Vol. 5. Série Cultura Memória e currículo. São Paulo: Cortez, 2003.

FERNANDES. D. **Avaliação das Aprendizagens: Desafios às Teorias, Práticas e Políticas**. Lisboa: Texto Editora, 2005.

HADJI, C. **Avaliação Desmistificada**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 21.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LUCKESI, C. C. **Considerações gerais sobre avaliação no cotidiano escolar**. Disponível em < <http://www.luckesi.com.br/artigosavaliacao.htm#2>>. Acesso em 23 de maio de 2017.

MATUÍ, J. **Construtivismo: Teoria Construtivista Sócio-histórica Aplicada ao Ensino**. São Paulo: Moderna, 1995.

MORETTO, V. P. **Prova:** um momento privilegiado de estudo não um acerto de contas. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

PERRENOUD, P. **Avaliação - da Excelência à Regulação das Aprendizagens, Entre Duas Lógicas.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

SOUZA, C. P. **Descrição de uma trajetória na/da Avaliação Educacional.** São Paulo. Série Ideias, 1999.